



INSTITUTO PORTUGUÊS DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS  
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

***OCCASIONAL PAPERS***

**Os Paradoxos das Eleições Brasileiras**

*Carmen Fonseca, IPRI-UNL*

Quando, em 2002, Lula saiu vitorioso nas eleições presidenciais, os analistas encontraram justificação no efeito «vontade de mudança», devido ao desgaste provocado pelos últimos anos do governo de Fernando Henrique Cardoso (FHC). Hoje, Lula é novamente candidato, e tudo indica que será reeleito, sem ter que ir à segunda volta.

Há quatro anos eram poucos os que acreditavam que Lula chegaria ao Planalto, muito menos que cumpriria o mandato até ao fim, voltaria a candidatar-se e teria todas as possibilidades de ganhar. Contudo, também ninguém previa que o seu discurso enquanto candidato fosse tão diferente das atitudes que passaria a adoptar enquanto Presidente. Lula é capaz «de desdizer a sua própria retórica e esperto para perceber que o voluntarismo e a utopia são bandeiras adequadas só para quem está na oposição» (In *jornal Expresso*, 23/09/2006).

Daí que, as primeiras medidas económicas tomadas pelo governo de Lula tenham acalmado o mercado e os investidores internacionais: Lula preferiu seguir os moldes mais ortodoxos da política económica exercida durante o governo de FHC. Foi essa mudança de comportamento que levou a divergências dentro do Partido dos Trabalhadores (PT) e até à expulsão de alguns militantes, como foi o caso de Heloísa Helena, agora candidata pelo Partido Socialismo e Liberdade (PSOL).

Durante o primeiro mandato, os triunfos de Lula deram-se na redução da pobreza (através da Bolsa Família conseguiu beneficiar cerca de 11 milhões de famílias), na estabilidade da inflação e no bom rumo que a economia tomou. São pois esses triunfos que agora joga, para conseguir mais votos.

Para os próximos quatro anos o programa do PT (em coligação com o PCdoB e PRB) não apresenta grandes novidades, tentará concretizar aquilo que não conseguiu fazer durante o último governo. O programa centra-se no âmbito socio-económico: reduzir as desigualdades sociais, garantir a educação massiva e de qualidade, conter a inflação e baixar os interesses para diminuir o preço do dinheiro e facilitar o acesso ao crédito. Com efeito, Lula é atacado porque apesar de apresentar propostas claras não apresenta medidas para alcançar tais objectivos.

Os candidatos dos três principais partidos são em tudo distintos. Lula da Silva, pelo PT, actual Presidente, que chegou ao Planalto ao fim de três tentativas goradas, ex-metalúrgico e sindicalista que criticava as políticas do adversário FHC, quando chega ao poder acaba por seguir os mesmos moldes na política económica. Louvado pelas camadas mais pobres da população, nunca foi ídolo da elite e da classe alta.

Geraldo Alckmin, pelo Partido da Social Democracia Brasileiro (PSDB), parece ser o candidato forçado. Ex-governador de São Paulo, pouco conhecido no país, teve a difícil tarefa de se dar a conhecer, a si e às suas propostas. Porém, apenas no início de Setembro, a um mês das eleições, apresentou formalmente o programa eleitoral do seu partido. O PSDB pretende desenvolver um «choque de gestão» para resolver os casos de corrupção e impor medidas duras para acabar com a insegurança e a delinquência (os *handicaps* de Lula). Ao contrário dos trabalhistas, pretende reduzir o papel do Estado na economia e também o gasto público. Alckmin é considerado o oposto de Lula: na fraca capacidade de retórica e no relacionamento com o povo.

Pelo PSOL, aparece Heloísa Helena que pretende levar a cabo medidas radicais na política e no desenvolvimento social. Ex-filiada do Partido Trabalhista, é a que apresenta um programa mais radical, mas também aquela que de entre os três teria menos possibilidades, sequer, de ir à segunda volta.

Desde que a campanha eleitoral começou que as sondagens dos institutos brasileiros têm dado sistematicamente a vitória a Lula. Nem mesmo os mais recentes escândalos conseguiram abalar a sua popularidade. De facto, durante o ano de 2005 cresceram sentimentos contraditórios quanto ao desempenho e comportamento do Presidente (devido às crises, escândalos e divergências no partido), mas hoje tudo isso parece estar esquecido, e a popularidade de Lula tem os mesmos índices que há três anos atrás, no início da sua governação. Lula soube novamente aplicar a sua retórica, ao contrário da oposição que, na campanha eleitoral, não conseguiu relacioná-lo directamente com os escândalos de corrupção.

As sondagens mostram ainda que, no Nordeste, 7 em cada 10 brasileiros estão dispostos a votar em Lula. Tarefa difícil para os adversários contrariar tal tendência!

Mas o mais surpreendente nas eleições, é que a maioria dos eleitores não vê nos escândalos de corrupção motivo para não votar em Lula. O bom rumo da economia parece apagar todos os efeitos negativos do «mensalão», do «dossier Serra» ou de qualquer outro escândalo onde queiram envolver Lula. Esta maioria, não se refere às elites nem à classe alta, mas à classe pobre – a que mais beneficiou com os programas socio-económicos de Lula (Fome Zero, Bolsa Família). Contudo, também a classe alta não contesta as medidas económicas de Lula, pois a

diminuição da inflação beneficiou o acesso ao crédito e valorizou o real. Mas é, principalmente, na classe pobre que Lula ganha os seus votos, e por isso, é para ela que o seu discurso de direcciona.

Alguns analistas consideram o governo de Lula como o período mais corrupto da história da democracia brasileira. Face a isto o que justifica a sua eventual reeleição? Podemos apontar algumas razões hipotéticas para isso. Em primeiro lugar, e como já se referiu, parece que o que preocupa os brasileiros não é a forma como se atingem determinados objectivos; a economia está no bom caminho e o desenvolvimento pode melhorar, portanto não interessa se Lula é ou não corrupto. Além do mais, conseguiu «absolver-se» de todos os escândalos.

A segunda razão que podemos apontar, é que nenhum dos candidatos adversários a Lula conseguiu relacioná-lo directamente com os escândalos do ano passado, ou com o mais recente relativo ao «dossier Serra», portanto os triunfos conseguidos por Lula falam mais alto que os podres do seu governo. Ao seu forte carisma e à capacidade de retórica para discursar junto das camadas mais pobres, juntam-se os *handicaps* dos adversários. Alckmin, ex-governador de São Paulo, teve que começar a sua campanha com a grande tarefa de se tornar conhecido, no entanto, ao fim de algumas semanas de exposição mediática, o seu índice de popularidade mantinha-se igual. Mesmo que considere o programa de Lula «oco, retórico, generalista e vazio», a verdade é que Lula chegou mais facilmente à sociedade.

Por fim, o terceiro motivo poderá estar relacionado com o facto de, no Brasil, o voto ser obrigatório, o que faz com que todas as pessoas tenham que ir votar, logo não são apenas as melhor informadas e as que querem transparência na política que votam. Face ao grande número de pobres, adeptos e beneficiários das políticas de Lula, é normal que Lula ganhe vantagem.

Mas, qualquer que seja o motivo, e independentemente das crises ou da corrupção, a verdade é que os brasileiros parecem estar dispostos a apostar novamente em Lula. Porém, no Congresso o PT não deverá ter maioria, e portanto Lula terá trabalho a dobrar na formação das coligações.

É com este quadro que no próximo dia 1 de Outubro, cerca de 126 milhões de eleitores vão decidir quem querem para governar o país até 2010. Um país que é uma das maiores economias do mundo, mas que tem cerca de 42,6 milhões de habitantes a viverem abaixo do limiar da pobreza e onde existe uma das maiores desigualdades sociais do mundo.

*25 de Setembro de 2006*